

Editorial

Leandro Assis Santos¹

“A exuberância é beleza”.

Willian Blake

Introduções são sempre estranhas de se escrever quando se anota, sobretudo, sobre algo que não é seu. Escrever, de algum modo, expõe em excesso sobre o escritor, ainda que um texto sem muito carisma, mas que saia de sua pena, o traia, quando não o subtraia ou o jogue num âmbito de exuberâncias não nomináveis e acediosas.

Talvez alguns textos o alimentem, como o de Fransuelen Geremias Silva, cujo título é *Abrir caminhos para um pensamento radical*. Um editorial só é interessante de se escrever quando não se cumpre regra, ou quando se embriaga, especialmente, de uma surpresa quanto a posturas de métodos. O escrito de André Rangel Rios, *Foucault leitor de Descartes e a crítica de Derrida*, nas intrigas dos descaminhos que nos endireita nas andanças das escritas, traz à baila a loucura: não, não propriamente da escrita, mas... segredo para os leitores mais um entorpecente de letras que absorve o que há de consciência (pouca) e polemiza intrigas em seus leitores. *Autoconsciência: o cérebro sabe que sabe?*, de Marcos Delson da Silveira, nos indicaria que a loucura, apontada no texto anteriormente citado, teria tomado conta. Talvez não... talvez sim. Talvez... a liberdade, como o escrito de Douglas Klug e Douglas João Orben acena, possa dar um alívio ao direito à liberdade ao pensamento como tal. Aliás, escrever precisa ser algo como um exercício de liberdade, não sendo essa, a nossa ver, mais que uma dinâmica de ruptura com os protagonismos niilistas que engendram dualismos e ascetismos. *Uma análise sobre a liberdade de pensamento e de expressão em Stuart Mill* traz os seus empenhos próprios, com requinte de belezas bem singulares. *Transgressão, Energia e Cinema – A filosofia dos libertinos de Sade e sua recepção no século XX*, de Sofia Ribeiro Mendes, joga um jogo em que as liberdades ganham outros papéis. Como o Duque de Blangis, de *120 dias de Sodoma*, obra nascida da prisão da Bastilha, em que essa personagem, sujeito, bárbaro, egoísta e incendiário, nos indicasse, bem na esteira de “divino Marquês”, em seu modo de ser uma maneira menos escrupulosa de escrever. Ou Dalmancé, de *A Filosofia na alcova*, instrutor em destruir justo os binarismos niilistas que compõe o imaginário caótico das mentes aprisionadas por certezas – solapadas na escrita. *A mulher do diabo não morreu: pombagira, demonização do feminino*,

¹ Pós-doutorando pela Universidade do estado do Rio de Janeiro com estudos sobre Georges Bataille. leandroas30@hotmail.com

batalhas poéticas e do saber contra o abuso colonial, Clairí Zaleski e Luiz Rufino, mostram caminhos a serem muito percorridos por todos os componentes de uma sociedade que, ainda que atualizada, continua seus processos des-civilizadores que instauram feminicídios e violências em prol de meia dúzia de (pseudo) “verdades” doentias. *Da reificação à consciência e organização do Partido*, de Diego Fonseca Dantas, por sua vez, intenta refletir acerca da importância do *partido* quanto a produção de consciência se valendo da obra de G. Lukács. O assunto relativo à verdade continua em *Liberdade e verdade na era da governamentalidade algorítmica*, escrito por Gabriel Schessoff: virtual e real se fundem e, muitas vezes, confundem os iniciados do “lugar sensível” de Platão que somos nós. Todavia, como a verdade é somente uma interpretação, *Tempo e ontologia: Nietzsche leitor de Heráclito e Kant*, de Thiago Oliveira da Cunha e William Mattioli, fazem uma triangulação de autores diversos, mas que foram retroalimentados por uma forma peculiar de análise. *Espinosa e a reorientação do pensamento*, Esdras Guedes da Cruz Silva e Diogo Bogéa, busca, não só fazer uma análise de elementos determinantes da *Ética* do referido filósofo, mas convocar a escrita a se redefinir em mais um estudo sobre tão provocativo autor. *Lênin, Bogdanov e o duelo de xadrez que define os rumos do pensamento político russo*, de Alan Garrido Fernandes e Mara Darcanchy, pretende uma pesquisa arrojada em assuntos diversos sobre militares da Revolução Russa. *A construção do inimigo social: uma análise da utilização da linguagem enquanto mecanismo de dominação sob a perspectiva de Wittgenstein*, Mariana Lira de Freitas e Ana Flávia Costa Eccard, por seu turno, tematiza sobre a figura do *inimigo* se valendo da Filosofia da Linguagem de Wittgenstein, e, por fim, *A carta e uma máquina de guerra chamada José de Anchieta*, de Aldo Antônio Tavares do Nascimento, retoma parte de um fato histórico para empreender uma pesquisa singular partindo de alguns autores.

Se escrever é exposição, esta edição da revista dá a “cara à tapa” a fim de inquirir os devaneios que a completa e complementa. Que as leituras suscitem mais interrogações.